

Sema diz que não houve pedido da Eletronorte para inundar Balbina

O secretário especial do Meio Ambiente, Roberto Messias Franco, chamou ontem de "mentiroso" o assessor da presidência da Eletronorte para Comunicação, Maurício Coelho, por ter culpado a Sema (Secretaria Especial do Meio Ambiente) pela demora na concessão de licença para a entrada em operação da hidrelétrica de Balbina, no Amazonas. Segundo Franco, a Eletronorte não pediu licença alguma para iniciar a inundação da floresta amazônica na área onde está o reservatório de Balbina.

— A única coisa que a Eletronorte nos comunicou foi que haveria um plano de salvação dos animais. Ora, isso não basta. É um absurdo e uma falta de ética dizer que a Sema está empurrando o caso com a barriga. Não aceito esse tipo de desafio — afirmou o secretário.

Roberto Messias Franco disse que hoje a Secretaria de Tecnologia e Controle Ambiental da Sema entrará em contato com a Eletrobrás, o DNAEE (Departamento Nacional de Água e Energia Elétrica) e a Eletronorte (subsidiária da Eletrobrás) para tomar uma posição dos organismos do governo em relação ao início do enchimento do reservatório da hidrelétrica de Balbina. Apesar da não liberação da obra, a Eletronorte fechou uma das oito adufas da barragem e está concretando a segunda (adufas são aberturas na barragem, de 20 a 50 metros de largura, por onde escoar a água do rio represado).

— Podemos até chegar à conclusão de que é preciso reabrir as adufas da barragem. Definitiva é só a morte. O governo do Amazonas será consultado amanhã (hoje) sobre sua posição e qualquer decisão será tomada em conjunto com a Eletronorte, que suponho seja uma empresa com um compromisso social — disse o secretário.

Sacrifícios — O secretário contou que há consenso no setor de energia elétrica quanto à má localização da hidrelétrica de Balbina. Por isso, acrescentou, é fundamental que se estudem maneiras de minorar o impacto ambiental. "Lamento profundamente que, na Velha República, não tenha sido considerada a questão da madeira que se vai perder com a inundação", comentou. Segundo ele, é preciso traçar um plano de retirada da madeira e estudar formas de fazer com que a área inundada seja menor. "Não se deve encher tudo de uma vez", disse.

Messias Franco comparou o caso de Balbina a de um sujeito que, depois de ter o dedo picado por uma cobra, vê-se diante de um cirurgião que lhe diz que precisa amputar o dedo para não morrer. "Manaus precisa de energia, mas não estamos convencidos de que é preciso cortar o dedo — no caso, o sacrifício da área de Balbina — para que se alcance o objetivo inicial", explicou.